

# OS SOBRENOMES NA ONOMÁSTICA E NA GENEALOGIA<sup>1</sup>

*José Pereira da Silva (UERJ)*  
[jpsilva@filologia.org.br](mailto:jpsilva@filologia.org.br)

## RESUMO

Este texto pretende desenvolver algumas considerações sobre os sobrenomes e suas origens, como elementos importantes na pesquisa genealógica e antroponímica, principalmente porque, até bem recentemente, só as famílias de ascendência importante historicamente se preocupavam em conhecer sua origem biológica, o que se faz, normalmente, através dos estudos genealógicos. Parte-se de breves considerações gerais sobre a genealogia e seu estudo, tais como as origens e sobre as dificuldades para o seu estudo, sua importância para a história social e política, para, a seguir, tratar especificamente das questões relativas aos sobrenomes ou apelidos, definindo-os e analisando suas principais origens, tomando como corpus principal os sobrenomes dos estudos genealógicos de minha família. Partindo de artigos disponíveis virtualmente, entre os quais algumas dissertações de mestrado e teses de doutorado, será apresentada uma contribuição a este tópico que é pouco explorado pelos profissionais de letras.

**Palavras-chave:** Genealogia. Onomástica. Parentesco.

## ABSTRACT

This text aims to develop some considerations about last names and their origins, as important elements in genealogical and anthroponomic research, mainly because, until recently, only families of important descent historically they were concerned with knowing their biological origin, which is usually done through genealogical studies. It is based on brief general considerations about genealogy and its study, such as origins and the difficulties for its study, its importance for social and political history, in order to address specifically the issues related to surnames or nicknames, defining them and analyzing their main origins, taking as main corpus the surnames of the genealogical studies of my family. Starting from virtually available articles, including some master's dissertations and doctoral theses, a contribution will be presented to this topic that is little explored by the professionals of letters.

**Keywords:** Genealogy. Onomastic. Kinship.

---

<sup>1</sup> Complementarmente, remetemos os leitores ao artigo "Os sobrenomes na antroponímia e na genealogia", publicado no suplemento do número 75 da *Revista Philologus* e, extraordinariamente, ao vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Js4ESlsIui4>.

## 1. *Considerações sobre a genealogia*

*Genealogia* é o mapa das supostas ligações biológicas entre indivíduos e gerações, entendendo-se “geração” como a produção de descendentes ou o próprio conjunto de descendentes, como a geração Pereira da Silva, descendente de José Bernardino Pereira e Maria Moreira da Silva, que adotou o nome Maria Moreira Pereira a partir do casamento civil.

Como ciência, é uma ciência auxiliar que trata da origem, evolução e dispersão das famílias, assim como os seus respectivos sobrenomes ou apelidos, sendo que, no passado, era feita exclusivamente pela elite e servia mais ao desejo de afirmar o prestígio das famílias e legitimar suas pretensões do que à documentação e preservação de sua história.

A partir de fins do século XVII, passou a ter um caráter científico, o que justifica a vasta bibliografia existente, desencadeando a preocupação dos especialistas com a difusão acrítica da história e de conhecimentos, muitas vezes falsos ou distorcidos, apresentados em pesquisas de leigos que desconhecem seus critérios metodológicos.

### 1.1. **Definição e objetivos da genealogia**

A genealogia procura identificar a ligação entre os indivíduos e a reconstituição da sequência ordenada de gerações dentro de um grupo familiar, buscando determinar as origens, a rede de parentescos e a evolução cronológica da família. Associando-se à prosopografia, à história e às ciências humanas e sociais, procura reconstituir o perfil e a história social, política, econômica e cultural dos integrantes da família, suas associações com outros grupos e seu papel na sociedade, sendo que, no âmbito da história, subsidia a sociologia, a economia, a história da arte, a genética, a medicina, o direito e outras ciências, sendo também subsidiada por elas.

### 1.2. **Fontes e dificuldades dos estudos da genealogia**

A genealogia é reconstituída através de documentos escritos, como atos legais, bibliografia histórica, crônicas, arquivos cívicos e religiosos, correspondência, inscrições, lápides, imprensa, mas pode se valer também de tradições orais e imagens. Além disso, pode partir do sujeito presente e retroceder pelas gerações antepassadas, ou, inversamente, par-

tir do fundador da família e acompanhar a evolução da sua posteridade (SCHAEFFER, 1960; MENA-CHALCO, 2018).

Um dos principais problemas da pesquisa genealógica é assegurar a veracidade das informações transmitidas pelos documentos e tradições. A oralidade em geral é uma fonte pouco confiável, sendo particularmente propensa a distorções e imprecisões, mas a fraude documental também é frequente. Assim, a documentação pode atestar uma filiação oficialmente reconhecida, mas dissimular uma adoção secreta ou o fruto de um adultério, e o pesquisador pode imaginar que está seguindo a linha do sangue e estar seguindo uma linha apenas cartorial.

Determinar a veracidade absoluta de uma genealogia nunca é possível porque, além dos problemas referidos, envolve o trabalho com documentos antigos, às vezes pouco compreensíveis, e com expressões de significado sutil ou variável, cuja decifração e interpretação exigem conhecimentos especializados.

Por muito tempo, as pessoas foram denominadas pela sua ocupação, pelo nome do pai, pelo lugar de origem ou por algum apelido, como por exemplo João Ferreiro, Antônio [filho] de Batista, Pedro de Florença ou José o Velho, ou de maneiras arbitrárias. Além disso, os sobrenomes podem mudar por várias razões, como para evitar perseguições políticas, para ocultar uma origem indigna, por tradições locais, por apadrinhamentos, por erros de registro que se perpetuaram nas gerações sucessivas etc., dificultando, às vezes, a identificação da linha genealógica.

A tradição portuguesa é muito livre quanto à adoção de sobrenomes, podendo ocorrer vários na mesma célula familiar, assim como ocorreu no Brasil até a padronização imposta no século XX. Além desses problemas, a existência de muita homonímia costuma levar a confusões entre personagens diferentes, de modo que ter um mesmo sobrenome não garante que haja consanguinidade (FERREIRA, 2005; HAMEISTER, 2008).

### **1.3. A genealogia na relação social ou do indivíduo com a sociedade**

Atualmente a pesquisa da genealogia familiar se tornou uma atividade extremamente popular, sustentada pela disponibilização de uma vasta quantidade de dados arquivísticos e bibliográficos através da internet. (ZSINDELY, 2008), tanto que, segundo a pesquisadora Regina Po-

ertner (2015), as buscas genealógicas são atualmente a terceira maior atividade na internet, perdendo apenas para o comércio e para a pornografia

A busca pelas origens pode ter várias motivações num mundo que muda rapidamente e onde crescem os sentimentos de distância de enraizamento e aumentam as dificuldades nas relações sociais. Essa busca pode também trazer informações interessantes de um modo geral, pode preservar a memória familiar, pode fortalecer o senso de identidade ou de pertencimento a um grupo, pode criar ligações concretas com parentes antes desconhecidos, ultrapassando barreiras geográficas e culturais, pode proporcionar explicações para aspectos da vida presente e lições úteis para a vida futura, e a percepção da continuidade geracional pode dar um novo sentido à existência e reforçar a autoestima (Cf. POERTNER, 2015; MALM, 2015; HARDY, 2017).

Segundo Eviatar Zerubavel, a objetivação da genealogia promove uma maneira quase autobiográfica de vivenciar até mesmo eventos históricos muito distantes", acrescentando que há muitos testemunhos de que conhecer as origens transformou profundamente a visão que as pessoas tinham de si mesmas e de seu lugar no mundo (ZERUBAVEL, 2011, p. 20-27).

Os laços biológicos ou familiares são um poderoso estruturador do funcionamento das sociedades, e a identificação do lugar do indivíduo nesta rede é um fator importante na determinação do seu comportamento social e no seu bem-estar psíquico e emocional.

#### **1.4. Pesquisa genealógica e a origem dos sobrenomes**

A genealogia é uma das ciências auxiliares da história e está intimamente ligada aos sobrenomes. A busca pela origem dos nomes das famílias é uma das formas de obtenção dos registros que permitem conhecer a árvore genealógica de uma pessoa, bem como dados importantes sobre a origem de sua parentela.

A internet revolucionou a pesquisa genealógica, disponibilizando recursos que diminuiriam muito o tempo necessário para construir uma árvore de ancestrais. Tecnologias como as redes sociais são empregadas de forma a facilitar a busca por pessoas distantes que tenham o mesmo sobrenome, por parentes esquecidos ou perdidos, ou por registros relevantes.

### 1.5. A árvore genealógica

Uma árvore genealógica é um histórico de certa parte dos antepassados de um indivíduo ou de uma família. Mais especificamente, trata-se de uma representação gráfica para mostrar as conexões familiares entre indivíduos, trazendo seus nomes e, algumas vezes, datas e lugares de nascimento, casamento e morte, além de fotos. O nome de “árvore” se dá por causa da semelhança com a ramificação das árvores, que normalmente segue a Sucessão ou Sequência de Fibonacci<sup>2</sup>. A representação da árvore de uma ascendência, também chamada árvore de costados<sup>3</sup>, que é a árvore genealógica que apresenta toda a genealogia ascendente (ascendências paterna e materna) de uma pessoa, tende a ter um crescimento exponencial de base 2, como a que estou construindo da Família Pereira da Silva.

Uma árvore genealógica também pode representar o sentido inverso, ou seja, partindo de um antepassado comum, sendo a raiz da árvore, até todos seus descendentes colocados nas suas inúmeras ramificações, que é chamada árvore de geração (SANTANA, [s.d.]

O uso das árvores genealógicas se faz para prova de ancestralidade, e o indivíduo que as constrói, quando da própria família, é denominado *probandus* ou *de cujus*<sup>4</sup> – “aquele de quem se trata”, termo utilizado para designar o sujeito a partir de quem se estabelece uma genealogia. A representação dos descendentes próximos é denominada *pedigree* ou linhagem, sendo que o termo *pedigree* costuma ser pejorativo (ANDRADE, 2012).

## 2. Os sobrenomes

Sobrenome, apelido ou nome de família é a porção do nome do indivíduo que, geralmente, está relacionada com a sua ascendência e é transmitida a sua descendência, com pequenas alterações para incluir os nomes de família do pai e da mãe ou por outros motivos.

---

<sup>2</sup> Sobre a Sequência de Fibonacci, veja Rosimar Gouveia ([s.d.]) e o artigo disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Sequ%C3%AAncia\\_de\\_Fibonacci](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sequ%C3%AAncia_de_Fibonacci)>. Acesso em: 04 nov 2019.

<sup>3</sup> Veja o artigo disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81rvore\\_de\\_costados](https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81rvore_de_costados)>, com os costados de D. Pedro I, imperador do Brasil, que acessamos em: 04 nov 2019.

<sup>4</sup> Veja a Numeração de Sosa-Stradonitz. Acesso em: 04 nov 2019.

Quando nos dirigimos a uma pessoa, o termo "nome" pode representar o prenome, o sobrenome ou o nome completo, que inclui prenomes, nomes do meio e sobrenomes. Em algumas situações, utiliza-se o nome completo, que é a composição do prenome seguido pelo sobrenome, mas, no sentido mais preciso, o prenome indica o indivíduo propriamente dito, e o sobrenome indica a origem genealógica ou família à qual ele pertence, variando de acordo com a cultura e com o idioma.

Na maioria das culturas, as pessoas têm apenas um sobrenome, geralmente herdado do pai. No entanto, em nomes de origem românica e anglo-saxônica, é comum a utilização de um nome do meio entre o nome próprio e o sobrenome, por vezes escolhendo o sobrenome materno para esse segundo nome próprio. Assim, na cultura lusófona, por exemplo, é costume os filhos receberem um ou mais sobrenomes de ambos os progenitores.

Em muitas culturas, é normal uma mulher assumir o sobrenome do marido após o casamento. Nos últimos anos, porém, no Brasil e nos Estados Unidos, é frequente as mulheres apenas "acrescentarem" o sobrenome do marido ao seu nome de solteira.

Atualmente uma nova tendência cultural entre as mulheres está regressando ao velho costume de manter os sobrenomes de solteira, não adotando os do marido ao se casar, inclusive, sendo permitido os homens adotarem o sobrenome das esposas, ou cada um dos noivos adotar um sobrenome do outro em troca, embora este uso seja raro.

No Brasil, até o Código Civil de 2002, somente as mulheres poderiam adquirir o sobrenome do cônjuge. A partir desse ano, o marido passou também a poder acrescentar o sobrenome da mulher ao seu nome ou substituir o seu pelo dela, cabendo ao casal esta decisão.

### 2.1. Nome do meio

Em várias culturas, os nomes das pessoas incluem um ou mais nomes do meio entre o primeiro nome e o sobrenome propriamente dito, de forma que o sobrenome de uma pessoa frequentemente fica composto por múltiplos nomes.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> No Brasil, a norma é regida pela Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973 (FIUZA, 2015; FAIGUENBOIM; VALADARES & CAMPAGNANO, 2003).

Nos países de cultura portuguesa, o nome do meio geralmente é o último nome de solteira da mãe; no entanto, isto não é seguido rigorosamente, como se pode ver no caso da Família Pereira da Silva, em que “Pereira” provém da família do pai e “da Silva” provém da família da mãe.

É comum omitir os nomes do meio em situações menos formais, figurando apenas o primeiro nome e o último sobrenome, supostamente o sobrenome do pai ou, no caso das mulheres casadas, o sobrenome do marido. Assim, o nome de José Pereira da Silva, nos bilhetes de viagem aérea, será “José Silva” e o de Maria Rita Pereira será “Maria Pereira”. No entanto, também é comum as pessoas utilizarem o nome do meio nesta forma reduzida, principalmente quando o último nome é muito comum. Por isto, José Pereira da Silva é quase sempre reduzido a “José Pereira”, exceto nos casos em que o prenome é composto, como em Rita de Cássia Pereira da Silva, nos quais é comum a omissão de todos os sobrenomes, ficando apenas “Rita de Cássia”.

Nestes casos, em que a pessoa possui mais de um prenome, a abreviatura pode ser realizada da mesma forma, incluindo ou não todos os prenomes. Por exemplo, para alguém chamado Fernanda Marilane Pereira de Assis, a forma reduzida poderá ser “Fernanda Marilane de Assis”, “Fernanda Marilane Pereira”, “Fernanda Pereira de Assis”, “Fernanda Pereira”, “Fernanda de Assis”, “Marilane Pereira de Assis”, “Marilane Pereira” ou “Marilane de Assis”.

## **2.2. Patronímicos**

O patronímico é um nome ou sobrenome cuja origem se encontra no nome do pai ou de um ascendente masculino.

O uso do patronímico foi um procedimento muito comum em todas as comunidades humanas para distinguir um indivíduo dentro de seu grupo, no qual havia inúmeras pessoas com o mesmo prenome ou “nome de batismo”. Assim, “Luiz, o filho de José Bernardino”, por economia de palavras, passou-se a usar “Luiz do Bernardino” e, muitas vezes, suprimiu-se também a preposição “de”, ficando apenas “Luiz Bernardino”. Desta forma se explicam os inúmeros sobrenomes cuja origem imediata e evidente é um prenome, como “Bernardino” (filho ou descendente de Bernardo), “Rodrigues” (filho ou descendente de Rodrigo) etc.

De fato, o patronímico, ou seja, o apelido de família cuja origem onomástica é o prenome do pai ou de um ancestral masculino configura o caso mais frequente na formação dos sobrenomes. É este processo que deu, por exemplo, José Melquíades < José do Melquíades < José, filho do Melquíades.

Mas o patronímico pode ser confundido com o nome da mãe, quando é esta que corresponde à figura paterna, por exemplo, nos casos em que o pai morre ou perde o papel de chefe da família, e é a mãe que ocupa este lugar na administração da família, como aconteceu com o caso de Maria Chica < Maria da Chica < Maria, filha da Chica (= Francisca).

Talvez o prenome Melquíades, tomado como sobrenome também tenha esta origem, visto que, segundo José Pedro Machado ([1984], s.v.), provém do francês *Melchiade*, falso nome resultante de má interpretação do nome de São Milcíades (por vezes chamado Melquíades), cuja festa é celebrada no dia 10 de dezembro. Como prenome, é o caso do meu bisavô Melquíades Camões da Silva e de meu irmão Melquíades Pereira da Silva. O mesmo José Pedro Machado nota que o nome Melquíades é usado também como sobrenome, e temos numerosos registros da palavra nesta categoria, como José Melquíades da Silva (meu avô), Vanderleia Melquíades da Silva (minha prima), Alex Melquíades dos Santos Pereira (meu sobrinho) e muitos outros. No caso do Alex, “Melquíades” pode ser considerado como parte do prenome, visto que é filho de Melquíades Pereira da Silva; ou seja, “Alex Melquíades” pode ser um prenome duplo ou composto, como Ana Rita e Maria Eduarda, por exemplo.

### 2.3. Como os sobrenomes surgiram

Conhecer a origem dos sobrenomes poderá indicar de onde certa família descende, no que trabalhava ou conhecer algumas características dos ancestrais dessa família.

Os primeiros a adquirirem sobrenomes foram os chineses, por volta de 2852 a.C. Na Roma Antiga, tinham apenas um nome próprio, mas, mais tarde passaram a usar três nomes: o nome próprio ficava em primeiro e se chamava "prenome", depois vinha o "nome", que designava o clã, que se constitui num grupo de pessoas unidas por parentesco e linhagem e que é definido pela descendência de um ancestral comum. O terceiro designava a família, e é conhecido como "cognome". Por isto,

muitas das importantes personalidades romanas passaram à história conhecidas apenas por seu cognome, como Cícero (Marco Túlio Cícero) e César (Caio Júlio César).

Alguns romanos acrescentavam um quarto nome, o agnome, para comemorar atos ilustres ou eventos memoráveis. Atualmente, no entanto, o agnome tem a função de diferenciar pessoas da mesma família que possuem o mesmo prenome e sobrenome. São nomes do tipo: Filho, Sobrinho, Júnior e Neto, como exemplificamos com os nomes reais da genealogia da Família Pereira da Silva: Abrão Mendes Filho, Joaquim Lopes Sobrinho, José Luís Pereira Júnior e Severino Lopes Neto. No entanto, quando o Império Romano começou a decair, os nomes de família se confundiram e parece que os nomes sozinhos voltaram a se tornar costume.

### *2.3.1. Formação e evolução dos sobrenomes em Portugal e no Império Português*

Da Idade Média ao século XVIII, os rapazes eram conhecidos pelo nome próprio mais o patronímico, e as moças pelo matronímico. Se não tivessem pai, os rapazes podiam ser conhecidos pelo matronímico, ou as moças pelo patronímico, se o pai fosse de uma família mais distinta que a da mãe. A partir do fim da Idade Média, os patronímicos tendem a se fixarem, transmitidos como sobrenome da família.

A necessidade de adicionar outro nome para distinguir as pessoas de mesmo nome veio a partir de certa altura a ganhar popularidade. Então elas passaram a adicionar ao nome que declaravam, ou que assinavam, o apelido pelo qual os outros as distinguiam, ou então a sua terra de origem, por exemplo. Assim, o Antônio Ferreira da Silva, descendente de um ferreiro, passa esse sobrenome aos seus descendentes. O filho Josué, de Antônio Ferreira da Silva, de Ouro Branco, que passasse a residir em Ipatinga, passaria a ser conhecido como Josué Antônio de Ouro Branco ou só Josué de Ouro Branco, principalmente no caso de haver outro Josué no mesmo contexto de Ipatinga.

Na minha biografia antroponomástica, por exemplo, fui chamado de “Jacarezinho” por uns vinte anos, por um vizinho que fez minha mudança do Jacarezinho para a Mangueira, em 1978, pelo fato de me identificar como o vizinho que morava no Jacarezinho. Alguns parentes e amigos que me conheceram adolescente, vivendo com meus pais, em São

João do Oriente – MG, costumam me chamar de Zezé Bernardino ou Zezé do Bernardino, ligando meu nome ao de meu pai – José Bernardino Pereira. Outros, por me haverem conhecido na época em que estive no seminário, ainda me chamam, indevidamente, de Zé Padre (indevidamente porque eu nunca fui padre). Há os que me chamam de simplesmente de Zé, Seu Zé, Seu José, Pereira, Seu Pereira ou, ligando-me à profissão em que mais atuei, me chamam de Professor Pereira ou nem falam meu nome, chamando-me simplesmente de Professor, Fessô ou Profe. Meus irmãos me chamam de Zezé, e meus sobrinhos só me chamam de Tio Zezé. Há até uns que me chamam de Toco ou Ranca Toco, por eu ter desenvolvido o hábito de arrancar os tocos de pequenas árvores ou arbustos da roça onde ainda permaneciam, da primeira roçada, e que tínhamos de desbrotar toda vez que tivéssemos de capinar aquela área. Meu tio Adriano me chamava de Zé Parafuso, por identificar minha curiosidade infantil relativa a máquinas, que eu desmontava e montava para conhecer melhor.

Assim há dois tipos básicos de sobrenomes, os que eram dados, ou chamados pelos de fora a alguém, para o distinguir (apelido, o mesmo que alcunha), e aqueles que são escolhidos pelo próprio para se afirmar, ou distinguir perante os outros.

Grande parte dos nomes usados até à implantação do registo civil no Brasil, no final da monarquia, e em Portugal, no início da república, não tem nada a ver com a família porque não era obrigatoriamente hereditário; tanto que, até o século XVII, nem a Família Real tinha sobrenome, e seus membros eram tratados pelos nomes próprios e respectivos títulos.

Até 1911, com efeito, a adoção dos sobrenomes era livre, isto é, as pessoas eram apenas batizadas com o nome próprio, e escolhiam livremente mudar esse nome ao entrar na adolescência, época em que os católicos recebiam o sacramento do Crisma, que permitia mudar o nome próprio, ou acrescentar-lhe outro. Até então, o crismado escolhia qual o sobrenome de família que iria assinar como adulto.

No século XIV, a língua portuguesa é adotada em Portugal para os registos oficiais, abandonando-se o latim bárbaro, até então utilizado nestes casos. Nessa época, já encontra a palavra "sobrenome" em documentos, mas significando apenas um segundo nome mais distintivo, não necessariamente transmissível. Ou seja, não era o sobrenome no sentido atual.

À medida que os governantes passaram a usar cada vez mais documentos escritos e a deixar registrados seus atos legais, foi-se tornando mais importante identificar com exatidão as pessoas, porque, em algumas comunidades dos centros urbanos, os nomes próprios eram insuficientes para distinguir as pessoas.

No campo, com o direito de sucessão hereditária de terras, era preciso algo que indicasse vínculo com o dono da terra, para que os filhos ou parentes pudessem adquirir a herança, já que qualquer pessoa com o mesmo nome poderia tentar se passar por filho.

Em Portugal, vigorava o conceito de casa, constituído pela noção de patrimônio familiar comum partilhado, no qual, na ausência de varões, sucediam as mulheres como senhoras da casa, que em muitos casos transmitiam esse sobrenome à sua descendência. É o chamado sistema misto.

Este costume português explica o motivo de serem raríssimas as famílias portuguesas ou de origem portuguesa que mantenham a varonia dos sobrenomes usados atualmente, como são os casos de meus ancestrais.

Já no Brasil, em geral, o sistema de perpetuação da linhagem familiar através do sobrenome adotado, é o sistema francês. A estrutura padrão do nome no Brasil consiste em "nome, sobrenome materno e sobrenome paterno". O sobrenome de determinada linhagem familiar portanto só é perpetuado no caso dos nascidos varões. Assim, no caso de uma filha mulher, o sobrenome de seu pai que era seu último, passa a figurar como nome do meio em seu filho, pois o último passa a ser o sobrenome do pai da criança.

Durante a profunda vivência religiosa dos tempos antigos, a noção de parentesco e de família, mais do que carnal, era considerada espiritual, pelo que as pessoas com larga vivência comum numa mesma casa, onde a família se considerava constituída por avós, parentes, filhos, criados, e até os escravos, todos podiam ser conhecidos pelo sobrenome principal da casa, mesmo os escravos batizados, que recebiam no batismo os nomes e sobrenomes dos seus senhores. E o parentesco espiritual era tão forte que, por exemplo, padrinhos eram considerados como pais dos seus afilhados, impedidos de se casarem, por exemplo. Assim, muitas vezes os afilhados, sobretudo quando herdavam dos padrinhos, tomavam os seus sobrenomes, especialmente se estes fossem seus parentes, mesmo

que remotos, sem outra razão para tal que não fosse manter o sobrenome ligado aos mesmos bens transmitidos.

### *2.3.2. Sobrenome para mulheres no mundo português*

O costume de uma mulher mudar seu nome após o casamento é recente. Espalhou-se no final do século XIX nas classes superiores, sob a influência francesa, e, especialmente entre 1930 e 1950, quando se tornou socialmente quase obrigatório.

Até o final do século XIX, prolongando-se, às vezes, até meados do século XX, era comum que as mulheres, especialmente as de uma família muito pobre, não recebessem o sobrenome do pai e assim serem conhecidas apenas pelo seu primeiro nome. Geralmente recebiam como sobrenome um nome genérico como Maria de Jesus ou Rosa de Jesus. Ela, então, adotava o sobrenome completo de seu marido depois do casamento. Isto ainda ocorre com relativa frequência, tanto que é o caso de minha esposa, que se chamava Maria Rita da Conceição, sem nome de família, passando a se chamar Maria Rita Pereira, substituindo o sobrenome genérico, religioso, pelo de minha família.

Isto porque, no Brasil, o registro civil foi criado de maneira formal e generalizada, quinze anos antes da Proclamação da República, com o Decreto nº 5.604, de 25 de abril de 1874, por iniciativa do deputado João Alfredo Correia de Oliveira, enquanto, em Portugal, só foi instituído pelo "Código do Registo Civil", de 18 de fevereiro de 1911, um ano depois de proclamada a República.

No entanto, como os tabeliães se substituíam hereditariamente e a maioria tinha baixo grau de instrução, nem sempre conheciam essas normas, criando grande confusão nos nomes e sobrenomes, nos registros, que eram feitos, geralmente, quando a família ou o indivíduo tivesse alguma necessidade de comprovação documental, já adolescentes ou adultos.

### *2.3.3. Origem étnica dos sobrenomes no Brasil*

Segundo pesquisa de 2016 publicada pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), mais de 87% dos brasileiros têm sobrenome de origem ibérica, sendo que apenas 18% deles tinham pelo menos um sobrenome de origem não ibérica. Ou seja: 82% dos brasileiros não tem

nenhum sobrenome não ibérico, nem da ascendência materna, nem da paterna.

Os sobrenomes ibéricos predominam em quase todo o Brasil, com exceção de parte do Sul do Brasil, do Oeste Paulista e das serras capixabas, que receberam muitos imigrantes não ibéricos a partir do final do século XIX, além de áreas de expansão da fronteira agrícola nos estados de Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, que receberam migrantes oriundos do centro-sul a partir da década de 1980 (Cf. MONASTERIO, 2016).

#### *2.3.4. Formação dos sobrenomes ou apelidos em geral*

A grande maioria dos sobrenomes evoluiu de seis fontes principais: ocupação, localidade, honrarias (ou títulos nobiliárquicos), patronímicos (e matronímicos), características e religião.

Exemplo de sobrenome proveniente de nomes de ocupação: Adilson Monteiro Mendes (monteiro seria o caçador dos montes, segundo José Pedro Machado [1984], *s.v.*).

Exemplos de sobrenomes provenientes de nomes de localidade: Adão Ribeiro da Cunha (Ribeiro se refere a alguém que morava junto de um ribeiro); Amanda Quintanilha Mendes (Quintanilha é proveniente do espanhol *quintanilla*, diminutivo de quinta, uma fazendinha); Daniele Andressa Souza Quintão (quintão é uma grande propriedade rural); Maria Aparecida de Matos (o sobrenome Matos, costuma vir, de vez em quando, precedido da preposição “de”, reforçando a ideia de proveniência; são bastante comuns também as variantes Matoso e Mata ou da Mata); Amilton Mackson Torres de Lima e Silva (No passado, torres eram construções militares de defesa; hoje, geralmente, são edifícios muito altos); Aguiel Campos Lima, (o sobrenome Campos se deve à referência aos locais assim denominados, de extensões de terrenos planos e cultiváveis).

Alguns nomes sobrenomes brasileiros são nomes estrangeiros ou derivados de nomes estrangeiros de localidade.

Exemplos de sobrenomes de patronímico (nome ou sobrenome cuja origem se encontra no nome do pai ou de um ancestral do sexo masculino) e matronímico (nome ou sobrenome cuja origem se encontra no nome da mãe ou de um ancestral do sexo feminino): muitos sobrenomes

indicavam antigamente o nome do pai ou da mãe. Por exemplo, "Mendes" significa "filho de Mendo", segundo José Pedro Machado, [1984], s.v. Vejamos alguns exemplos da Família Pereira da Silva: Alan Rangel Mendes Santos; Alves é variante de Álvares (filho ou descendente de Alvaro, segundo José Pedro Machado, [1984], s.v.): Adilson Alves Mendes; Fernandes (filho ou descendente de Fernando): Bárbara Melquíades Fernandes; Gomes (filho ou descendente de Goma ou Guma): Eliete das Graças Gomes; Gonçalves (filho ou descendente de Gonçalo): Alzira Alice Gonçalves; Lopes (filho ou descendente de Lopo): Alencar Lopes Tavares; Martins (filho ou descendente de Martim ou Martinho): Ailton Martins da Rocha; Rodrigues (filho ou descendente de Rodrigo): Ariel Rodrigues Melquíades.

Mas também José Melquíades significa José, filho do Melquíades (Melquíades Camões da Silva), assim como Maria Chica significa Maria, filha da Chica (Francisca Maria de Assis), e José Mariano quer dizer José, filho de Maria. Alguns dos patronímicos e matronímicos são cursivados, passando-se a chamar Joana Fernandes à Joana Fernanda, processo sempre iniciado no litoral, e mais tardio no interior do país. Os sufixos (ou prefixos) dos patronímicos variam de país para país, sendo que nos países de língua portuguesa -es, ou -s é o mais comum. Exemplos: Simões (filho ou descendente de Simão); Guimarães (de Guímaro, ou Vímara); Fernandes (de Fernando); Henriques (de Henrique); Nunes (de Nuno); Martins (de Martim); Rodrigues (de Rodrigo) etc.

Exemplos de sobrenomes provenientes de nomes de característica: Agostinho Firme da Silva ("firme" é um adjetivo que indica segurança ou firmeza nas decisões tomadas), assim como os sobrenomes "Magno", "Aparecida", "Auxiliadora", "Miranda": Adalberto Magno Santana (a palavra "magno" significa "grande", tanto no sentido material quanto moral, religioso etc., ocorrendo tanto em prenomes quanto em sobrenomes desde a Idade Média).

Apesar de estarem ligados à religião, os nomes Maria Aparecida da Silva, Maria Auxiliadora Correia, assim como Maria da Conceição Ferreira, Maria da Penha Correia, Maria das Graças Avelar, e tantos outros que se referem a qualidades de Nossa Senhora (Maria, mãe de Jesus) também provêm, indiretamente, de qualidades.

Um sufixo de diminutivo ou de aumentativo no nome ou no sobrenome, também, indica a qualidade relativa a tamanho e, por isto, também seria da mesma categoria da indicação de características daquele

nome ou sobrenome, como seria o caso de Renguerty Bernardino Gomes, Alexandra Carolina Silva Vieira Militão, Gilcece Martins Faustino, Nadir Marcelina Ferreira, Ivanilda Paulino de Souza.

Muitas pessoas que tinham características de um animal receberiam dele o nome, como por exemplo, Pedro Henrique Carneiro Silveira, Marlone Coelho Pereira da Silva, Alexandre Henrique Cordeiro da Silva, Bernardo Pinto Melquíades.

Nem sempre, porém, pode ser levado a sério o significado de um sobrenome comparando com os valores atuais, pois o significado das palavras muda com o tempo.

Além disso, muitos sobrenomes têm mais de uma origem. Por exemplo, o sobrenome inglês "Bell" (sino) pode dizer tanto de alguém que morou ou trabalhou onde se toca o sino, quanto alguém que fabricava sinos. Pode ser descendente de alguma Isabel, ou pode ter vindo do francês antigo no qual a palavra "bel" significa beleza, correspondendo então a alguém muito bonito.

Nos países em que a religião mais influente é a cristã, é habitual o uso de designações religiosas nos apelidos. Exemplos de sobrenomes provenientes de nomes relacionados a religião: Ivanilda Martins dos Anjos, Jesuína Zesuína de Assunção, Célio Silva Batista, Alzira das Graças Pereira Viegas, Elza Clara de Jesus, Alex Melquíades dos Santos Pereira.

### **3. Considerações finais**

Este trabalho ainda não está concluído, porque deverá ser publicado em três versões diferentes: a versão mais completa deverá ser um capítulo introdutório de um livro que estou preparando sobre a genealogia da Família Pereira da Silva, planejado para sair em 2020, uma primeira versão constituiu uma palestra apresentada na XIV JNLFLP e esta, que está sendo disponibilizada como parte da produção acadêmica do GEICEL – Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens.

Esperamos estar contribuindo com algumas disciplinas auxiliares da filologia e abrindo espaços para novas pesquisas, apesar de não estar trazendo novidades para os que já trabalham nessa linha de pesquisa.

No desenho da árvore genealógica da Família Pereira da Silva, pretendo apresentar um pequeno bosque, em que várias outras árvores

brotarão de suas raízes de ambos os costados, basicamente como sugestões para futuros desenvolvimentos por outros membros da família que tiverem interesse no tema, apesar da extrema dificuldade relacionada à consecução de informes relativos a alguns dos ramos de nossa ascendência, principalmente da paterna, tanto dos Lopes, quanto dos Pereira, dos Ribeiro e dos Moreira.

O ramo mais conhecido de nossa ascendência é o dos Mendes, faltando quase tudo em relação aos Camões da Silva e aos de Assis.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS<sup>6</sup>

ANDRADE, Aduino. Árvore de costados<sup>7</sup>. *Legal*, 2012. Acesso em 04 nov 2019.

BRASIL. Lei n. 6.015, de 31 de dezembro de 1973. Acesso em: 01 nov 2019.

FAIGUENBOIM, Guilherme; VALADARES, Paulo; CAMPAGNANO, Anna Rosa. *Dicionário sefaradi de sobrenomes*. Rio de Janeiro: Fraiha, 2003.

FERREIRA, Sérgio Luiz. Transmissão de sobrenomes entre luso-brasileiros: uma questão de classe. *Boletim de História Demográfica*, vol. XII, n. 36, 2005. Acesso em 18 out 2019.

FIUZA, César. *Direito civil: curso completo*. 18. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2015.

GOUVEIA, Rosimar. Sequência de Fibonacci. Acesso em 04 nov 2019.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ave Maria, 1981.

HAMEISTER, Martha Daisson. Uma contribuição ao estudo da onomástica no período colonial: os nomes e o povoamento do Extremo Sul da Colônia (Continente do Rio Grande de São Pedro, 1735-c. 1777). In: DORÉ, Andréa Carla; SANTOS, Antonio César de Almeida. (Orgs.). *Temas setecentistas: governos e populações no Império Português*.

---

<sup>6</sup> Clicando nestes itens sublinhados, abrem-se os arquivos disponibilizados virtualmente.

<sup>7</sup> Clicando no título sublinhado "Árvore de costados", por exemplo, remete-se ao link que abre o respectivo arquivo de texto: <<http://www.legal.adv.br/20120131/arvore-de-costados>>.

UFPR-SCHLA/Fundação Araucária, 2008, p. 459-478. Acesso em: 18 out 2019.

HARDY, Rebecca. Why children need to know their family history. *The Guardian*, 14/06/2017. Acesso em: 18 out 2019.

INSTITUTO Genealógico de Santa Catarina. Genealogia para iniciantes. Acesso em: 18 out 2019.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, [1984], 3 vols.

MALM, Carolina Jonsson. Genealogy and the problem of biological essentialism. *National Council on Public History*, 10/09/2015. Acesso em: 18 out 2019.

MENA-CHALCO, Jesús Pascual. Genealogia acadêmica: Um novo olhar sobre impacto acadêmico de pesquisadores. In: *I Seminário de Avaliação de Políticas de CT&I*. Brasília: CNPq, 12-13/09/2018. Acesso em: 18 out 2019.

MENDES, Nuno Canas. *Descubra as suas raízes: como organizar uma árvore genealógica*. Mem Martins: Lyon Multimédia, 1996.

MONASTERIO, Leonardo. Sobrenomes e ancestralidade no Brasil. IPEA: 2229 texto para discussão, set. 2016. Acesso em: 30 out 2019.

NEVES, Osny Machado. *Prenomes, nomes e sobrenomes*. Bauru: Kayrós, 2005.

POERTNER, Regina. Genealogy, public history, and cyber kinship. *National Council on Public History*, 21/08/2015. Acesso em: 18 out 2019.

SAMPAYO, António de Villas Boas e. Nobiliarchia portuguesa: tratado na nobreza hereditaria & política. Em Lisboa: na Officina de Francisco Villela, 1676. Acesso em: 30 nov 2019.

SANTANA, Miriam Ilza. Árvore genealógica. *Infoescola: Navegando e Aprendendo*. Acesso em: 04 nov 2019.

SCHAEFFER, Enrico. Noções de genealogia científica. *Revista de História*, n. 44, 1960. Acesso em: 18 out.2019.

SILVA, José. O que significa ser um Silva? In: *Mimimídias*. Acesso em: 02 jan 2020.

ZERUBAVEL, Eviatar. *Ancestors and Relatives: Genealogy, Identity, and Community*. Oxford University Press, 2011. Acesso em: 18 out 2019.

ZSINDELY, Sándor. *From vanity fair to scientific research: The place of genealogy in contemporary science. A scientometric approach*. *Scientometrics*, vol. 77, n. 1, p. 197-206, 2008. Acesso em: 18 out 2019.